

## **EDUCOMUNICAÇÃO NÃO É METODOLOGIA**

*Donizete Soares<sup>1</sup>*

Dentre as tantas confusões e equívocos em torno do tema educomunicação, uma das mais comuns e frequentes é chamá-la de método ou metodologia.

Convém, então, esclarecer o que é método e, na sequência, apresentar alguns tipos. É possível que, depois disso, se possa entender, com clareza, a afirmação que serve como título deste texto, uma vez que, etimologicamente, metodologia quer dizer estudo dos métodos adotados em pesquisas ou investigações científicas.

Método<sup>2</sup> é o mesmo que *caminho em direção a um fim válido*. Tem a ver, portanto, com conhecimento científico – e a ciência, como sabemos, é um modo racional de conhecer e lidar com o mundo.

Não é científica uma afirmação que não possa ser provada racionalmente. Não tem valor o discurso que não seja pautado em fundamentos rigidamente comprovados. Não merecem atenção e credibilidade os procedimentos que não forem justificados de forma racional e compreensível. Sequer merecem ser consideradas quaisquer afirmações que não se sustentem racionalmente. A ciência lida com perguntas para as quais ela tem alguma resposta, ciente de que ela é tão somente uma resposta possível, momentânea e sob certas condições.

---

1 Donizete Soares é professor de filosofia e diretor do INSTITUTO GENS  
<http://www.portalgens.com.br>

2 De acordo com Abbagnano, no seu Dicionário de Filosofia, "Método (gr. uieoôoc; lat. Methodus; in. Method; fr. Méthode, ai. Methode, it. Método). Este termo tem dois significados fundamentais: 1) qualquer pesquisa ou orientação de pesquisa; 2) uma técnica particular de pesquisa. No primeiro significado, não se distingue de "investigação" ou "doutrina". O segundo significado é mais restrito e indica um procedimento de investigação organizado, repetível e auto corrigível, que garanta a obtenção de resultados válidos..."  
ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 2. ed., São Paulo: Mestre Jou, 1962.

Para atender as exigências do pensamento e da prática desse tipo de conhecimento, o método tem características<sup>3</sup> que, sem elas, não apenas deixa de ser científico como, de fato, nada vale.

Dentre elas, podemos destacar as seguintes. De acordo com a *metodologia*, o método é *racional*, isto é, fundado em conceitos, juízos, raciocínios, regras lógicas e ordenadas; *objetivo*, na medida em que busca a verdade pela observação, verificação e experimentação; *analítico*, porque decompõe, analisa e sintetiza o fato; *claro e preciso*, pois busca exatidão e inteligibilidade; *verificável*, já que experimentado, legitimado, demonstrado, testado; *metódico*, planejado, baseado em hipóteses e normatizado tecnicamente; *sistemático*, ou seja, sustentado em ideias lógicas, teorias, fundamentações...

Além disso, para ser científico, o método inclui *práticas operacionais*, isto é, exige que etapas precisam ser seguidas e cumpridas. De novo, somente tem validade, somente é ou será um conhecimento científico na medida em que, pacientemente, cada etapa for suficientemente esgotada. O rigor, aliado às outras características, é absolutamente fundamental e necessário. Vejamos algumas dessas etapas<sup>4</sup>.

Em primeiro lugar, o pesquisador elabora uma questão, uma pergunta que tem a ver com sua curiosidade em relação ao objeto a ser pesquisado. É o que recebe o nome de *criação do problema* da pesquisa, que tanto pode ser um novo como um antigo problema. O cientista observa, interroga e amplia sua abordagem sobre um aspecto do objeto. Ao proceder assim, o pesquisador cria o problema, na medida em que, curioso e/ou incomodado com algo relativo ao objeto, coloca-o sob suspeita. Como se vê, trata-se, obviamente, de uma operação mental, racional, de exercício de pensamento.

---

3 Consulte <http://ocanto.esenviseu.net/apoio/ciencia1.htm> Acesso em 27/01/2010. Veja também BERVIAN, Pedro A., CERVO, Amado L. *O Histórico do Método Científico*. In: Metodologia Científica. 5. ed., São Paulo: Prentice Hall, 2002

4 Para uma exposição mais completa sobre as etapas do método científico, consulte LAKATOS, Eva M. e MARCONI, Marina A. *Metodologia Científica*, São Paulo : Editora Atlas, 1991.

Depois, ele próprio procura oferecer uma resposta ao problema que criou. O pesquisador busca dar conta da situação problematizada, e indica uma possível saída ao problema criado. A esta etapa, dá-se o nome de *indicação de uma hipótese*<sup>5</sup>. É uma tentativa que, caso se mostre ou resulte inútil, precede a tantas quantas forem necessárias... até mesmo o parcial e/ou momentâneo abandono delas.

A seguir, vem a *coleta de dados*, quando o investigador se põe em busca de elementos significativos que efetivamente venham a contribuir para responder às perguntas anteriormente elaboradas e, assim, confirmar a hipótese levantada. Serve-se da literatura ou documentos sobre o tema e/ou dos experimentos em laboratório<sup>6</sup>, manipulando e comparando dados.

Por fim, é preciso confirmar ou verificar a viabilidade da hipótese indicada. É o momento de *análise da resposta, visando a validação ou não da hipótese*. Se confirmada e aceita, a pesquisa tem andamento, já que ao menos uma parte dela está realizada; caso contrário, o processo pode ser retomado e reavaliado ou até mesmo deixado de lado. A não comprovação da hipótese, contudo, não invalida a pesquisa porque, em ciência, não há trabalho perdido. Ao contrário, ele bem pode ser, por exemplo, o início de uma outra pesquisa.

As diversas teorias existentes sobre a natureza, o homem e a sociedade são resultado da aplicação dos métodos científicos que, como vimos, adotam uma série de procedimentos. Estes, por sua vez, estão sempre de acordo com esse ou aquele tipo<sup>7</sup> de método, dentre eles, o *indutivo*, o *dedutivo*, o *hipotético-dedutivo* e o *dialético*, os mais comuns.

---

5 Assim como a tese, a hipótese é também uma afirmação. Só que, ao contrário da primeira, é uma afirmação ainda não confirmada.

6 Específico do procedimento experimental, quando o objeto é colocado sob condições ideais, podendo ou não ser reproduzidas em laboratórios.

7 São vários os métodos adotados, conforme a investigação a ser empreendida. Como essa discussão extrapola os objetivos deste texto, consulte o trabalho indicado que, entre outros, faz uma boa apresentação do tema: <http://www.scribd.com/doc/8981045/A-Questao-Do-Metodo> Acesso em 16/06/2010.



Tanto a definição como as características, os procedimentos e os tipos de método abordados aqui têm o único propósito de sustentar a afirmação de que a Educomunicação não é e não pode ser vista e tratada como método ou metodologia. Simplesmente porque educomunicação não é ciência. Nenhuma das características acima citadas, assim como nenhuma prática operacional, procedimento ou tipo de ciência se refere ou se aplica a ela.

Assim como a educação e a comunicação, a educomunicação é algo que emerge da convivência social, expressando necessidades e reais possibilidades de transformação da realidade percebida como criação humana em certos e/ou determinados contextos<sup>8</sup>. Não é um objeto sobre o qual, de forma dedicada e até mesmo valorosa, se debruça o investigador com o objetivo de explicar ou mesmo criar os mecanismos mais eficientes e eficazes para os seus possíveis, esperados e desejáveis desdobramentos.

Evidentemente, isto não quer dizer que a educomunicação não possa e não deva ser estudada e investigada como fenômeno social. Ao contrário. O que é inadequado é adotá-la como meio para se atingir um fim, seja ele qual for.

Ao contrário do conhecimento científico, que possibilita ao pesquisador tanto a *criação do problema* como a *resposta* ou *solução* que melhor atenda aos seus próprios interesses ou aos interesses do grupo do qual ele faz parte, a educomunicação se configura como um modo de pensar e agir marcado pelo debate sobre o que realmente interessa à vida das pessoas que coabitam o mesmo espaço. Diferentemente da pesquisa científica, que tem como objetivo oferecer ao menos uma resposta válida e objetiva, a educomunicação está envolvida com as perguntas que precisam ser formuladas. O que interessa e motiva quem trabalha com educomunicação, portanto, não é, em especial, o resultado das produções das peças de comunicação – o produto –, mas a construção e a realização do processo de produção coletiva de comunicação.

---

<sup>8</sup> Um aprofundamento desse tema pode ser encontrado em [http://www.portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/educunicacao\\_%20dimensao\\_social\\_e\\_politica.pdf](http://www.portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/educunicacao_%20dimensao_social_e_politica.pdf) Acesso em 16/06/2010



Não são as *questões* (que fatalmente estão ligadas à defesa de um ou outro ponto de vista específico com respostas ou soluções previstas, pré elaboradas e pré aprovadas), mas os *problemas*<sup>9</sup> – que se constituem como busca incessante pelas respostas ainda desconhecidas a perguntas tão importantes e urgentes que, exatamente por isso, necessitam ser respondidas – o que efetivamente mobiliza as pessoas envolvidas com a educomunicação.

Educomunicação é concepção, isto é, *modo de ver ou sentir, ponto de vista, entendimento, noção*. Educomunicação é conceito<sup>10</sup>, isto é, *noção, concepção, ideia, compreensão que alguém tem de uma palavra*.

Nada a ver com metodologia, portanto. E nem com escolha e aplicação de um método. Educomunicação é ideia que, por sua vez, tem a ver com imagem, com representação de uma possibilidade real e concreta de algo que não caiu do céu e nem saiu de um gabinete ou laboratório, mas brotou do chão da convivência humana. Educomunicação é uma imagem que se vislumbra coletivamente.

Não se identificando, portanto, com a ciência, mas com concepção ou conceito, a Educomunicação é um *modo de pensar e agir essencialmente crítico* tanto da educação em geral e, em especial, da educação escolar, assim como da comunicação em geral e, em especial, da comunicação social.

9 Vale a pena ler o texto *A filosofia na formação do educador*, de Dermeval Saviani, discutindo esta que é uma das características do nosso tempo: a desproblematização do problema. "Tão habituados estamos ao uso dessa palavra que receio já tenhamos perdido de vista o seu significado." Observe, em especial, uma citação do autor na página 4, a do filósofo espanhol Julian Marias: "*Os últimos séculos da história europeia abusaram levemente da denominação "problema"; qualificando assim toda pergunta, o homem moderno, e principalmente a partir do último século, habituou-se a viver tranquilamente entre problemas, distraído do dramatismo de uma situação quando esta se torna problemática, isto é, quando não se pode estar nela e por isso exige uma solução.*" [http://www.portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/A\\_filosofia\\_na\\_formao\\_do\\_educador.pdf](http://www.portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/A_filosofia_na_formao_do_educador.pdf) Acesso em 16/06/2010

10 Etimologia do termo conceito: 'ação de conter, ato de receber, germinação, fruto, feto, pensamento', conforme o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Ver também *concepção* (lat. Conceptio) 'Operação pela qual o sujeito forma, a partir de uma experiência física, moral, psicológica ou social, a representação de um objetivo de pensamento ou conceito. O resultado dessa operação também é chamado de concepção. praticamente sinônimo de teoria (ex.: concepção platônica do Estado, concepção liberal da economia etc.).' In: JAPIASSU, H. e MARCONDES, D. Dicionário Básico de Filosofia. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 2001



É um modo de pensar e agir que, por sua vez, implica mas também resulta, antes de tudo, em postura, atitude, posicionamento político – não no sentido político-partidário, evidentemente, mas como conjunto de pensamentos e ações que nasce e se desenvolve na convivência humana.

Ora, se a educação e a comunicação são as áreas *para e sobre* as quais se dirigem o pensar e a ação críticos, então é a vida em sociedade o que efetivamente interessa à educomunicação. Não um ou outro aspecto, uma ou outra circunstância, um ou outro modelo de natureza econômica, política e/ou social, mas a vida mesma em todas as suas dimensões, em toda sua complexidade, em toda sua potência.

Educomunicação não é uma forma, um modo, um jeito novo de trabalhar para *melhorar* a escola, por exemplo. Não é uma alternativa interessante para ser acoplada aos modelos pedagógicos como forma de salvá-los do seu fracasso. Não é um jeito a mais para chamar a atenção do aluno – alvo certo de muitos professores e professoras que até aceitam fazer qualquer coisa, desde que não percam o poder que acham quem têm (e efetivamente têm) sobre as pessoas, em particular, seus alunos...

Nenhum discurso científico, acompanhado ou não de seus procedimentos, dá conta da amplitude e da profundidade desse modo crítico de pensar e agir. Não há predição<sup>11</sup> capaz de se tornar realizável quando se tem à frente a multiplicidade de variáveis inerentes aos processos de elaboração, construção e convivência social.

É assim que, por desconhecimento ou equívoco, a Educomunicação, em grande parte das vezes, não é vista e tratada como concepção ou conceito. Por conta disso, o mais comum é encontrarmos projetos, ações, referências faladas e escritas tomando como método (ou caminho) o que é intenção, propósito, plano, um fim que se pretende alcançar...

<sup>11</sup> Ser preditivo, isto é, permite projeções futuras, é mais uma característica do conhecimento científico. Observe que o termo, embora parecido, nada tem a ver com previsível - o que, efetivamente, nada tem a ver com ciência, mas com outras formas de conhecimento...